

**Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras**

Maria Helena Silva de Souza

**Literatura infantil:
conflitos sociais e simbólicos**

Belo Horizonte

2012

**Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras**

Maria Helena Silva de Souza

**Literatura infantil:
conflitos sociais e simbólicos**

Trabalho apresentado à Faculdade Federal de Minas Gerais como pré-requisito para obtenção do Certificado de Conclusão do Curso de Pós Graduação *Lato Sensu* na área de Leitura e Produção de Textos.

Orientador: Professor Roberto Said

Belo Horizonte

2012

Maria Helena Silva de Souza

Trabalho apresentado à Faculdade Federal de Minas Gerais como pré-requisito para obtenção do Certificado de Conclusão do Curso de Pós Graduação *Lato Sensu* na área de Leitura e Produção de Textos.

BANCA EXAMINADORA

Prof.(a). Nome Orientador (a) Roberto Said

Prof.(a). Nome

Prof.(a). Nome

Belo Horizonte, 10 de novembro de 2012

Dedico esta monografia ao Bruno, pelo apoio, incentivo e carinho e aos meus filhos, pelo simples fato de existirem em minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

Aos meus filhos e familiares, pelo apoio e incentivo.

Ao Bruno, por acreditar em mim.

À equipe do curso de especialização.

Aos colegas e professores, pelo apoio e convívio.

Ao meu orientador, pela paciência e ensinamentos transmitidos.

RESUMO

Este trabalho pretende contribuir para as reflexões sobre a influência da literatura infantil, principalmente, os contos de fadas, na educação infantil. É fato que os contos são universalmente conhecidos e trabalhados, no entanto, alguns educadores os abordam como mero instrumento de entretenimento, revelando-se uma leitura a mais, enquanto outros poderão explorá-los de forma mais estratégica, como forma de aproximação de crianças arreadas, como forma de questionamento, étnico-raciais, propondo discussões de maior alcance. Através de um estudo bibliográfico, este trabalho realiza um breve histórico dos contos de fadas e avalia suas potencialidades para o desenvolvimento infantil. Procuram-se articular as formulações de vários autores, dentre os quais Nelly Novaes Coelho (2000), Bruno Bettelheim (1980), Regina Zilberman (1985), Fanny Abramovich (1993) e outros, que apontam benefícios e possibilidades da literatura infantil, da leitura e da contação de história para as crianças na formação de leitores e de seu desenvolvimento pessoal.

Palavras-Chave: Contos de Fadas, Literatura Infantil, Crianças e Relações Étnico-raciais..

RESUMEN

El presente trabajo pretende ampliar las reflexiones hechas sobre la influencia de la literatura infantil, sobre todo en respecto a los cuentos de hadas en la educación infantil. Es un hecho que los cuentos de hadas son universalmente conocidos y trabajados. Sin embargo, algunos educadores los tratan como mero instrumento de entretenimiento, una lectura más, mientras otros podrán explotarlos como forma más estratégica, como un medio de aproximación para niños con problemas de relacionamiento, como forma de cuestionamiento, étnicos- raciales, proponiendo discusiones. A través de un estudio bibliográfico de diversos autores este trabajo se desarrolló haciendo un breve histórico de los cuentos de hadas y su debido valor para el desarrollo infantil. Varios autores señalan beneficios recurrentes de la literatura infantil, lectura y narración de cuentos para niños en la formación de jugadores y su desarrollo personal. Entre estos autores destacan Nelly Novaes Coelho (2000), Bruno Bettelheim (1980), Regina Zilberman (1985), Fanny Abramovich (1993) y otros, que apuntan beneficios y posibilidades de la literatura infantil, de la lectura y de la contación de historia para los niños en la formación de lectores y de su desarrollo personal.

Palabras-claves: Cuentos de Hadas, Literatura Infantil, Niños y Relaciones Étnicos- raciales.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 - <i>BREVE HISTÓRICO DOS CONTOS INFANTIS</i>	13
1.1 A escola: um espaço de construção das relações multirraciais.....	17
1.2 A sala de aula como um espaço de conflitos.....	20
CAPÍTULO 2 - O QUE LEVA A CRIANÇA A SE IDENTIFICAR COM OS PERSONAGENS DOS CONTOS?.....	22
2.1 Os contos encantam ou desencantam?.....	25
2.2 O tradicional e o novo.....	26
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A HISTÓRIA A BELA E A FERA E O FILME SHREK.....	30
3.1 Considerações finais.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37
ANEXO.....	40

INTRODUÇÃO

A criança mistura-se com os personagens de maneira muito mais íntima do que o adulto. O desenrolar e as palavras trocadas atingem-na com força inefável, e quando ela se levanta está envolta pela nevasca que soprava da leitura.

Walter Benjamin

Longos anos nos separam da origem dos contos de fadas. No entanto, eles continuam encantando crianças, jovens e adultos. A magia presente nesse gênero textual perpassa o tempo. Quando nós, educadores e educadoras, lemos uma história fantástica para as crianças, estamos permitindo que elas recuperem parte de sua infância, em que a linguagem de sonhos e encantamentos é um componente importante de suas vidas. Enfrentar monstros e gigantes, conversar com fadas e princesas não parece, assim, tarefa impossível. O ato de ler é mesmo uma atividade fascinante e prazerosa, que garante ao leitor atento o contato íntimo com o objeto que tem às mãos: o livro. Trazer, então, para as crianças contos infantis é, antes de tudo, resgatar elementos de uma tradição que talvez esteja se deslocando com o advento da tecnologia. Experiências recentes provam que a tecnologia pode despertar o interesse pelos livros, através de ambientes interativos, em que a criança se insere na história. No entanto, este ambiente virtual, tão interessante, deve ser controlado pelo responsável pela educação e formação da criança.

Ao trabalharmos qualquer tema literário, qualquer modalidade textual e/ou discursiva, temos que prever problemas possíveis advindos das diferentes interpretações. Isto porque a literatura infantil trabalhada na escola, além de representar um estímulo significativo para a aprendizagem da leitura, também pode significar abertura de questionamentos de toda ordem. Quanto mais a criança adquire conhecimentos por meio da leitura, mais crítica ela se torna, pois, como observa Abramovich (1993, p. 16) “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias [...] escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo”.

Somente iremos formar crianças que gostem de ler e tenham uma relação prazerosa com a literatura se propiciarmos a elas, desde muito cedo, um contato frequente e agradável com o livro e com o ato de ouvir e contar histórias. Isso

equivale a tornar o livro parte integrante do seu dia a dia. A leitura pode ser um instrumento de construção da cidadania à medida que o homem se constrói dentro dela. O domínio da capacidade de leitura gera maior mobilidade das crianças, aumento qualitativo da capacidade crítica e crescimento de seu potencial reivindicatório. Esse é o primeiro passo para iniciarmos o processo de formação de leitores. Como se sabe, os processos que envolvem a compreensão leitora, assim como os fatores que interferem no processo de formação do leitor, constituem tema privilegiado para os debates acerca da educação infantil na contemporaneidade.

Como a grande maioria das instituições de educação infantil da rede municipal de Belo Horizonte, a escola Míriam Brandão, situada na zona periférica, tem livros de literatura infantil disponíveis em sala de aula. Quando os alunos terminam uma atividade, eles têm a oportunidade de escolher livrinhos e ficar folheando, lendo as imagens. Para crianças pequenas, das séries iniciais, as palavras são ainda imagens, desenhos, sinais que não significam nada. As imagens propriamente ditas, as figuras e as fotografias são, por sua vez, sinais que podem ser “lidos” por elas.

Em contrapartida, essas ilustrações têm servido de veículo para o reforço de estereótipos e preconceitos. Personagens más são invariavelmente feias, enquanto fadas, príncipes, princesas e heróis são sempre bonitos, dentro dos parâmetros socialmente estabelecidos. A avó é representada por uma velhinha de cabelos brancos e coque, tricotando em uma cadeira de balanço, enquanto o avô é um velho gordo, com óculos na ponta do nariz.

Através da lei 10639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, as escolas, os livros didáticos e os livros de literatura infantil devem criar uma relação positiva, podendo ser instrumento eficaz para diminuir e prevenir o processo de exclusão social e incorporação do preconceito pelas crianças negras.

Mesmo em livros atuais, publicados após a Lei 10639/03 (Anexo 1), não é incomum encontrarmos as mães com um avental e espanador nas mãos, enquanto o pai segura pasta de trabalho ou jornal. A empregada, o marginal e o operário são quase sempre negros.

Assim, nos avizinhamos do tema deste trabalho: o que motivou sua realização foi o questionamento de uma criança negra, de quatro anos, sobre o porquê de ela não poder ser a princesa de uma determinada história. Isso causou espanto,

incômodo e culminou em outro questionamento: como pode uma criança de apenas quatro anos se sentir inferior à, outra da mesma idade? Vale lembrar que grande parte das crianças atendidas pela escola é negra.

Outro episódio – também ocorrido na escola – se deu quando um grupo de crianças folheava os livros, e uma das alunas disse: “Eu sou a Bela”. Apontando para a figura do livro *A Bela e a Fera*. Outra criança advertiu-lhe imediatamente: “Você não pode ser a Bela, você é preta”. Com lágrimas quase a escorrer dos olhos, a menina indagou à professora: “Por que eu não posso ser a princesa?”.

A questão, desconcertante, coloca em debate não somente o papel dos contos, enquanto formadores de opinião, mas também a relação entre crianças brancas e negras que dividem o mesmo espaço escolar. Conforme análise de Cavalleiro (2003), a relação diária com crianças de quatro a seis anos permite-nos identificar que, nessa faixa etária, crianças negras já apresentam uma identidade negativa em relação ao grupo étnico ao qual pertencem.

Surpresa com aquele questionamento, a professora sentiu a necessidade de trabalhar com a valorização das crianças negras da sala, para que elas elevassem sua autoestima e também para que esse tipo de ocorrência não se repetisse. Para abordar o debate sobre os valores sociais e simbólicos veiculados na literatura infantil, a professora valeu-se do livro “Crianças como você”, disponível na biblioteca da escola, que conta um pouco da história de crianças das diversas partes do mundo, mostrando suas diferenças e semelhanças em relação às nossas crianças. A professora relatou que, no livro “Crianças como você”, as identidades foram entrecruzadas.

Barnabas Kindersley e Anabel Kindersley (2009), em sua obra, relatam brevemente a história de crianças de diversas partes do mundo, entre elas as crianças africanas, que eram o foco em questão. Os autores destacam como é o dia a dia de cada criança, onde vivem, o que comem, seus medos e desejos, como é sua família, se são ricas ou pobres, onde estudam, suas crenças, seus brinquedos e brincadeiras preferidos, enfim, seus hábitos, costumes e cultura.

Trazer para a sala esse questionamento serviu de parâmetro para mostrarmos às crianças que, independente do lugar de origem, existe uma semelhança entre nosso modo de viver. Além disso, torna patente que alguns preceitos são básicos para todos.

“Conhecemos histórias de vida de cada criança. As histórias sobre as crianças africanas vieram enriquecer nossas experiências. Foram vários contos e recontos sobre a identidade de cada um”, diz a professora, acima mencionada.

Foram utilizados, também, livros de literatura infantil com temas afins, além do livro que desencadeou o problema, “A Bela e a Fera”. Para reforçar o assunto, trabalharam-se os filmes “O fantástico mistério de Feiurinha” – uma adaptação da obra de Pedro Bandeira (2009) – e “Shrek I”. Os dois filmes propõem uma nova versão para os contos clássicos.

O professor que acompanha atentamente seus alunos aproveita seus questionamentos e anseios como guia para introduzir na turma assuntos importantes, como a morte, o preconceito, a violência, entre outros, fazendo com que eles mesmos reflitam sobre problemas do cotidiano escolar, familiar e até mundial, como, por exemplo, a questão ambiental. Neste caso especificamente, o debate sobre as questões étnico-raciais.

A discussão dos problemas costuma extrapolar o que estava previamente planejado. Vale considerar que os atores dessas reflexões têm muito a dizer e a fazer, apesar da pouca idade, portanto, não cabe somente ao professor impor suas próprias concepções. É indiscutível que as crianças de hoje tenham muito a dizer sobre vários assuntos, o que não costumava acontecer a algumas décadas, quando eram tratadas apenas como miniaturas de adultos, que participavam e compartilhavam dos mesmos eventos destinados aos adultos, inclusive da mesma literatura. O que tinham a dizer não era importante e, pior, frequentemente nem lhes era permitido dizer nada.

Ao fazer seu planejamento, anual, mensal ou semanal, o educador aprende e exercita sua capacidade de perceber as necessidades de seus alunos, localizando problemas e saindo em busca das causas. Planejar, nessa perspectiva, significa entrar em relação com as crianças, mergulhar na aventura em busca do desconhecido, construir a identidade de grupo junto com elas. Pinto (2004), afirma que a identidade se constrói na interação do eu com o grupo, em concordância com o referencial curricular nacional para a educação infantil (1998), a saber:

O desenvolvimento da identidade e da autonomia estão intimamente relacionados com os processos de socialização. Nas interações sociais se dá a ampliação dos laços afetivos que as crianças podem estabelecer com as outras crianças e com os adultos, contribuindo para que o reconhecimento do outro e a constatação das diferenças entre as pessoas sejam valorizadas e aproveitadas para o enriquecimento de si próprias. (BRASIL, 1998, p.11).

Este trabalho visa investigar a importância dos contos de fadas como um elemento fundamental no desenvolvimento da imaginação e fantasia da criança. Para tanto, pretende avaliar como a literatura infantil, em especial os contos de fadas, pode ser utilizada na resolução de conflitos sociais e simbólicos despertados pela própria literatura infantil. Trata-se de repensar as práticas docentes e a utilização da literatura infantil na sala de aula, bem como de ampliar o mundo mágico das crianças, alimentando suas brincadeiras, instigando a curiosidade, fantasia e a imaginação, despertando o prazer que há no ato da leitura.

Iniciaremos este trabalho com um breve histórico dos contos infantis, destacando alguns aspectos sociais e culturais, que são um marco na literatura infantil. Abordaremos um pouco da identidade dos heróis presentes nessas histórias e o porquê de as crianças se identificarem com eles. Além disso, traçaremos um paralelo entre a literatura tradicional e a moderna, que nos proporcionará uma visão crítica sobre essas formas textuais. Para concluir, tentaremos apontar algumas vantagens e/ou benefícios que a literatura infantil, em especial os contos infantis, pode proporcionar às crianças e a quem a utiliza como instrumento de aprendizagem e entretenimento.

CAPÍTULO

1

BREVE HISTÓRICO DOS CONTOS INFANTIS

A maioria das histórias infantis, reconhecidas e difundidas canonicamente por nós, ocidentais, nasceu na Europa medieval, entre os séculos V e XV. Naquela época a Igreja ocupava o nível mais alto da hierarquia social, sendo assim, ditava as leis, “a lei do mais forte”, em que seus ensinamentos deviam ser transmitidos e ensinados a todos. Já diziam Facincani e Garcia que:

Durante a Idade Média, a escola estava sob o domínio da Igreja Católica, e os conteúdos eram ministrados para os integrantes da nobreza e do clero. Essa escola transmitia a cultura erudita, e a pedagogia baseava-se na memorização, na acumulação de conhecimentos e na moralização da criança [...] O texto literário ganhou importância, já que contribuía para a formação dessa criança (FACINCANI; GARCIA).

Desta forma, a literatura também estava comprometida, devendo cumprir o papel de moralizadora, pregando o respeito ao próximo e cultivando valores até então pré-estabelecidos por uma sociedade meramente conservadora.

Os contos de fadas foram difundidos ampla e oralmente entre camponeses. Vale lembrar que inicialmente os contos não foram elaborados para crianças. Os camponeses se reuniam em salões de fiar, nos campos, ou em casa para contarem suas histórias, muitas vezes cheias de cenas fortes; como mortes hediondas, adultérios e até mesmo canibalismo – tramas narrativas pouco ou nada apropriadas para os pequenos. Segundo Becker (2001), com a mudança dos camponeses para as cidades, temia-se pela extinção dessas histórias, então, coube aos escritores, da época, coletar as narrativas orais e registrá-las no papel, para que não se perdessem.

Estudos já realizados apontam que os contos de fadas chegaram aos salões da aristocracia por volta do séc. XVII. A coleção que inaugurou os contos de fadas como forma literária infantil foi a obra de Charles Perrault, em 1697. Seus feitos pela literatura infantil lhe renderam o título de Pai da Literatura Infantil. Sua obra mais famosa é “Contos da Mamãe Gansa”. No entanto, outros contos escritos por ele permanecem vivos até os dias de hoje, como é o caso de: “Chapeuzinho Vermelho”; “O Gato de Botas”; “Cinderela”; “Pelo de Asno”; “O Pequeno Polegar”; “O Barba Azul”; “a Bela Adormecida e as Fadas”.

Posteriormente, no século XIX, começaram a surgir outras obras como a coleção dos irmãos Grimm (Whilhelm e Jacob Grimm), estas, sim, dedicadas às crianças. Os dois irmãos, ao tentarem encontrar a verdade sobre a origem histórica de seu país, encontram a fantasia, o fantástico, o mítico, o maravilhoso, e assim a

literatura infantil ganha um ar de encantamento, desta forma torna-se mundialmente conhecida.

Hans Christian Andersen também deixou sua contribuição para a literatura infantil. Suas primeiras obras eram baseadas em relatos populares, especialmente nos que ele ouvia ainda quando criança. Nestes, ele apontava confrontos entre os poderosos e desprotegidos, os fortes e os fracos, os exploradores e os explorados. Posteriormente, desenvolveu histórias com a presença de fadas e elementos da natureza, como é o caso de “O Patinho Feio”, “A Pequena Sereia”, “A Polegarzinha”, entre outras.

Após tantos anos do surgimento dos contos de fada e de tantas transformações históricas, políticas e culturais ocorridas desde então, resta-nos pensar, não desmerecendo a relevância dos contos, sobre qual a melhor maneira de explorá-los com as crianças do século XXI.

O que faz com que os contos de fadas perdurem anos e anos, que tenham *status* e valor duradouros, é, por um lado, o fato de serem um objeto que pode ajudar as crianças a lidar com seus conflitos internos, enfrentados durante o seu crescimento, conforme destaca Betteheim (1980). Também, por outro lado, devido a seu poder de encantamento, aquele que ouve se sente embriagado, enfeitiçado e capaz de propagar este conto, de forma clara e inteligível, a qualquer um. Quando as crianças ouvem um conto de fadas elas se projetam inconscientemente em vários personagens da história, bons ou maus. Há neste momento um misto de heroísmo e ao mesmo tempo de carência, dependendo do momento de cada um, como relata Abramovich (1993):

Uma criança que é inteligente, viva e que, como todas as outras, num primeiro momento é ativa, incansável, infatigável, canalizando toda a sua energia para o mundo exterior, para fora; e numa segunda etapa, como acontece com todas, se volta para si mesma, querendo se conhecer, se saber [...] (ABRAMOVICH, 1993, p. 128)

Os contos de fadas tradicionais também são chamados, indistintamente, de contos maravilhosos. No entanto, Coelho (2000) estabelece diferença entre conto de fada e conto maravilhoso. Segundo a autora, essa distinção evidencia-se, na narrativa, por meio da carência manifestada pela personagem principal. Nos contos maravilhosos, como “O Gato de Botas”, “Aladim” e a “Lâmpada Maravilhosa”, a carência das personagens relaciona-se com uma dificuldade social e econômica, ou seja, reflete um desejo de autorrealização satisfeito pela conquista de bens materiais. Portanto, contos maravilhosos são todas as narrativas sem fadas, com o

elemento maravilhoso representado por animais falantes, objetos mágicos, gênios, duendes, anões, gigantes, etc. em que a personagem principal apresenta uma necessidade de natureza socioeconômica.

Já os contos de fadas, como “A Bela Adormecida”, “Rapunzel”, “Branca de Neve”, “A Bela e a Fera”, e “Cinderela”, são histórias em que os elementos do maravilhoso e do feérico são representados por reis, rainhas, príncipes, fadas, gênios, bruxas, gigantes, objetos mágicos e metamorfose. Com ações desenvolvidas em um tempo e um espaço fora da realidade conhecida, esses contos têm um motivo gerador das ações da narrativa, um problema existencial do herói, conclui Coelho (2000).

Alguns adeptos dos contos de fadas afirmam que eles ajudam as crianças na elaboração do real, fornecendo-lhes modelos de estruturas sociais e comportamentais que facilitam o entendimento da complexidade do mundo adulto. Já o psicanalista Bruno Bettelheim (1980) destaca ainda sua função terapêutica. Segundo ele, a criança ao se identificar com os problemas do herói tende a solucionar seus próprios conflitos interiores. O final feliz do conto dá à criança um novo alento e a certeza de que seus problemas e angústias serão superados no devido tempo.

Anteriormente, o que prevalecia era a ideia de que literatura infantil deveria ser moralizadora, não se pretendia com ela informar ou divertir, mas sim condicionar as crianças aos padrões da época.

Durante a Idade Média a Igreja Católica conquistou e manteve grande poder. Possuía muitas terras, influenciava nas decisões políticas dos reinos, interferia na elaboração das leis e estabelecia padrões de comportamento moral para a sociedade. Com seu poder dominador, tentava doutrinar as crianças, para então dominá-las. Valores socioculturais como o casamento, a moda feminina e a ascensão econômica eram fortemente difundidos nos textos infantis (principalmente os contos de fadas) dos séculos XVII, XVIII e XIX.

O que podemos perceber é que atualmente a literatura infantil passou a ter funções bem diferentes das que lhe eram atribuídas anteriormente. Pode-se dizer que hoje ela tem a função de ampliar o conhecimento da criança, de forma prazerosa e instigante. Problemas atuais são explorados de maneira clara, condizente com as diversas faixas etárias. Além de atender seus requisitos formais,

pode-se dizer também que ela pretende fundamentalmente levar à diversão e ao entretenimento, sendo poderosa moeda na economia do ensino da leitura.

1.1 A escola: um espaço de construção das relações multirraciais

O que me preocupa não é o grito dos maus. É o silêncio dos bons.

Martin Luther King

A escola é responsável pelo processo de socialização infantil no qual se estabelecem relações com crianças de diferentes núcleos familiares (Menezes, 2002). O contato de diferentes crianças faz com que o cotidiano escolar seja potencialmente um espaço de vivência das primeiras tensões raciais. Ainda reiterando Menezes (2002), a relação estabelecida entre crianças brancas e negras numa sala de aula, por exemplo, pode acontecer de modo tenso, ou seja, por meio de contatos que geram segregação e exclusão, o que provoca na criança negra, em alguns momentos, uma postura introvertida, pois ela teme ser rejeitada ou ridicularizada pelo seu grupo social.

Algumas crianças têm um discurso que pode ser incorporado por outras de modo massivo, a ponto de elas se identificarem e se intimidarem nos limites preconceituosos desses discursos: “pó de café, feia, preta, cabelo ruim, fedorenta”. Assim, muitas crianças dizem não querer voltar para a escola e, quando indagadas sobre o motivo, elas não conseguem se expressar. Estamos, então, diante do processo de desvalorização dos atributos individuais, descritos por Menezes (2002), e estes vão interferir na construção da identidade da criança.

Há segundo Pinto (2004) uma preocupação dos cientistas sociais de que um tipo de mudança estrutural tem transformado as sociedades do final do século XX, fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, raça, sexo e nacionalidade, que no passado nos forneceram localizações sólidas como indivíduos. Sendo assim, as velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social estão em declínio, fazendo surgir novas identidades, fragmentando o indivíduo.

Os diferentes grupos sociais ditam suas regras, ou você se adapta a elas ou está fora do grupo. Então é comum, muitas vezes, para ser aceito em determinado grupo você adotar atitudes não condizentes com seus princípios, só para se enquadrar.

A educação exerce, a esse respeito, um papel de extrema importância que é o de ampliar o universo infantil no campo intelectual e porque não dizer afetivo do educando, proporcionando o acesso ao patrimônio artístico e cultural da sociedade, para que ele possa intervir com consciência em sua realidade. Não obstante, o espaço escolar também carrega consigo uma linguagem não verbal expressa por meio de comportamentos sociais e disposições; formas de tratamento, atitudes, gestos, tons de voz e outras, que transmitem valores marcadamente preconceituosos e discriminatórios, comprometendo, assim, o conhecimento a respeito das minorias, sobretudo em relação ao afrodescendente. Ao falar sobre o papel da escola, Cavalleiro (2003) reforça esse pensamento, destacando que:

[...] o jovem é influenciado por uma série de meios de socialização diferentes da escola. Assim, a família pode (e possivelmente o faz) embutir comportamentos preconceituosos e discriminadores. O mesmo se afirma, por exemplo, a respeito dos meios de comunicação, em especial a televisão, que através da sua programação e de propagandas insistem em colocar o negro em posições socialmente inferiores ou o representa através de estereótipos como o do sambista, bom de bola etc. Contudo, a escola tem um papel extremamente importante na formação do jovem: sendo veículo de socialização primária, goza de função ideológica privilegiada pela sua atenção sistemática, constante e obrigatória junto ao alunado (FILGUEIRA, *apud* CAVALLEIRO, 2003, p. 35).

“É no espaço escolar que as primeiras manifestações de preconceito aparecem”, relata uma professora negra¹. Segundo seu depoimento, até ir para a escola ela não apresentava nenhum problema de aceitação de sua cor. Tanto a família quanto os amigos nunca fizeram menção às diferenças raciais. No entanto, foi no ambiente escolar que apareceram suas primeiras decepções, inclusive por parte de professoras. “Sentir na pele a dor da indiferença me fez crescer, tinha que superar os outros, era a única forma de ser enxergada”.

Este apontamento é claramente percebido por Cavalleiro (2003), para quem:

A despreocupação com a questão da convivência multiétnica, quer na família, quer na escola, pode colaborar para a formação de indivíduos preconceituosos e discriminadores. A ausência de questionamento pode levar inúmeras crianças e adolescentes a cristalizarem aprendizagens, muitas vezes, no comportamento acrítico dos adultos a sua volta. (CAVALLEIRO, 2003, p. 20)

Como diria Rubem Alves, “educar é mostrar a vida a quem ainda não a viu”. Então, temos que mostrá-la a essas crianças, de forma que valores culturais sejam trabalhados. Afinal, é a partir da sua interação com o meio, neste caso a escola, que

¹ Professora da Escola Municipal Brandão em encontro de formação de professoras conduzido por Rosa Margarida C. Rocha-maio/2011, na própria escola.

ela vai adquirindo conhecimento, observando e participando do mundo que a cerca, experiências essas que a seguirão por toda uma vida. “A necessidade e o desejo de decifrar o universo de significados que a cerca leva a criança a coordenar ideias e ações a fim de solucionar os problemas que se apresentam” (MACHADO, 2001 p. 28).

Assim, não podemos transmitir valores se eles não fazem parte daquilo que acreditamos e vivemos. Já dizia Emília Cipriano, “nós somos construtores de identidade humana”.² Esta se forma através do contato com o outro e com a cultura humana. Uma vez que é no contato com o outro que vamos adquirindo características próprias que nos distinguirão dos demais. No entanto, é também neste contato que poderemos adquirir características de outrem e do grupo que nos cerca. Cabe à educação escolar despertar a consciência do ser para que ele reconheça e respeite a diversidade e a pluralidade cultural, pois cada um é uno.

Conforme Zilberman (1985, p.27), “a criança é vista como um ser em formação, cujo potencial deve-se desenvolver a formação em liberdade, orientando no sentido de alcance de total plenitude em sua realização”, uma vez que o desenvolvimento da criança está intrinsecamente ligado ao processo de aprendizagem e ensino.

Se nosso objetivo, o dos professores, é a formação de cidadãos conscientes e críticos, assim como afirma a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), então cabe a nós fazermos isso de maneira verdadeira. Portanto, é preciso compreender, no caso específico das relações etno-raciais, que nos calarmos não é a melhor maneira de enfrentarmos o problema. O silêncio não deve ser usado para evitar conflitos étnicos.

Em um encontro com as professoras da Escola Municipal Miriam Brandão, Rosa Margarida,³ ligada ao movimento negro, tratou do importante papel da escola como mediadora das diferenças étnicas, investindo na busca de estratégias que atendessem às necessidades específicas de alunos negros, incentivando-os e estimulando-os nos níveis cognitivo, cultural e físico. Seu pensamento comunga com o de Menezes (2002), quando tratam do processo educativo:

² Trecho da palestra de Emília Cipriano sobre Superação das dificuldades de aprendizagem na educação infantil e séries iniciais, apresentada no VI Congresso Internacional – Transtornos e dificuldades de aprendizagem, realizado em Belo Horizonte/MG, nos dias 09 e 10 de abril de 2011.

³ ROCHA, Rosa Margarida C., é autora de diversos livros que tratam das questões étnico-raciais. Faz parte da comissão étnico-racial da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH).

O espaço institucional poderá proporcionar discussões verticalizadas a respeito das diferenças presentes, favorecendo o reconhecimento e a valorização da contribuição africana, dando maior visibilidade aos seus conteúdos até então negados pela cultura dominante. Só assim, as crianças negras e brancas, e as crianças de todos os outros grupos étnicos ou raciais constitutivos da nação brasileira, poderão orgulhar-se de sua identidade (MENEZES, 2002).

Margarida ainda ressaltou que as crianças são diferentes, cada uma tem suas especificidades, portanto, deve haver uma forma diferenciada de tratamento para cada uma delas. Dada a sua singularidade, cada uma possui um ritmo de aprendizagem. Por isso, o professor deve estar preparado para trabalhar de acordo com as características de cada uma.

1.2 A sala de aula como um espaço de conflitos

A sala de aula é antes de tudo um espaço multirracial, sua função de espaço formador passa primeiramente pela formação de um grupo heterogêneo. Aliado a isso, estão os conflitos que aparecem nas horas que menos esperamos. Na realização de uma rodinha durante a aula, por exemplo, quando uma criança se nega a dar a mão para outra, que é negra. No colorido de um desenho, quando um diz para o outro, “seu colorido está feio, você coloriu o menino de preto”. Durante todo o tempo, temos que estar prontas para mediar conflitos, sem nos omitir, pois essas situações de preconceito racial que, ao provocar baixa autoestima nas crianças negras e elevarem o ego de crianças brancas, reforçam as relações de poder e de desigualdade da sociedade brasileira.

Em certa ocasião, durante o período de saída da escola, uma mãe chegou para buscar sua filha, acompanhada de sua filha caçula, então, outra criança disse, sem pestanejar: “Que família preta!”. Esta criança tem apenas quatro anos, o que nos leva a pensar se esse discurso, de fato, partiu dela. Ou será que ela ouviu este tipo de comentário em outro lugar? As crianças são sinceras, isso já sabemos, elas falam o que pensam, sem saber ou avaliar as consequências do que dizem.

De acordo com Piaget (*apud* Azevedo 2009), as crianças adquirem valores morais não só por internalizá-los ou observá-los de fora, mas por construí-los interiormente através da interação com o meio ambiente. Estudos já realizados podem comprovar que a criança nasce desprovida de preconceitos, raciais e físicos. A partir dos dois anos e meio, aproximadamente, o ambiente familiar, a escola, com

seus manuais didáticos, a televisão, o cinema e mesmo alguns livros para crianças são responsáveis pela criação de preconceitos. Assim, Jardim (2001) ressalta que é preciso que o professor reconheça tais preconceitos e estereótipos, rejeitando os livros cujas ilustrações os salientam ou preparando-se para discuti-las com seus alunos.

Vale lembrar que, com a implementação da Lei 10639/03 (Anexo 1), as escolas, ao tentarem se adequar a nova lei, adquiriram livros que tratam da questão da cultura afro-brasileira e africana sem muitos critérios, alguns foram distribuídos nos *kits* de literatura para as famílias, causando mal-estar pela conotação negativa que traziam. Os responsáveis pela distribuição dos *kits*, ao perceberem tais problemas, recolheram alguns, e a seleção está sendo feita de forma mais contundente. Então, cabe ao professor, que também é um mediador entre livro/aluno, fazer um trabalho de conscientização através das obras selecionadas, pois algumas não valorizam a cultura e, sim, desvalorizam-na, contudo não deve se omitir a elas.

CAPÍTULO

2

O QUE LEVA A CRIANÇA A SE IDENTIFICAR COM OS PERSONAGENS DOS CONTOS?

E assim há de chegar o dia de acreditar que o valor de alguém não se pode avaliar pela cor que tem. E então tudo estará bem.

Maria Cândida Mendonça

No mundo contemporâneo, valoriza-se excessivamente a beleza física. Dentro dos parâmetros impostos, as modelos têm que ser magérrimas, os homens tem que ser “sarados” e as crianças viraram miniaturas de adultos, vestem-se como tal, algumas até se maquam. Tudo em nome de uma beleza imposta por um modelo preestabelecido, que a todo tempo é mostrado na televisão, na *internet*, em revistas, *outdoors* e jornais. Fazzi (2004) questiona esse processo quando aponta que:

A ênfase dada pelas crianças ao aspecto estético, distinguido entre o que é feio e o que é bonito, sugere o desenvolvimento do preconceito racial, visual, provavelmente através de pistas verbais quando da aquisição de padrões de beleza. Desde muito cedo a criança aprende, por exemplo, que cabelo liso é cabelo bonito, e esse padrão é reforçado, uma vez que parecem ser raros, senão inexistentes, elogios ao cabelo crespo durante a infância (FAZZI, 2004, p. 117)

Aos olhos da psicanálise, as crianças, são levadas a se identificarem com o belo e o herói; não por se reconhecerem integralmente neles, mas por sentirem neles a própria personificação de seus problemas infantis: seu inconsciente desejo de bondade e, principalmente, sua necessidade de segurança e proteção. Podem, assim, superar o medo que as inibe e enfrentar os perigos e ameaças que sentem à sua volta, podendo alcançar gradativamente o equilíbrio adulto (OLIVEIRA, 2009).

Bandeira (2009), ao escrever “O fantástico mistério de Feiurinha”, posteriormente adaptado para o cinema, brinca com os estereótipos. Feiurinha era uma menina linda, mas não sabia o valor de sua beleza, seu conceito de belo foi formado com base no que as bruxas falavam e no que ela via. Então, para ela, as bruxas eram lindas e ela era feia. Isso era reforçado quando as bruxas diziam:

- Ihhh! Você devia se envergonhar! – comentava Ruim. Você é feia demais!
- É isso mesmo – acrescentava Malvada. Nunca vi garota mais feia!
- Você é um horror! Completava Pioranda [...] (BANDEIRA, 2009, p. 47)

Como em todo final de história tradicional, Feiurinha é salva das garras das bruxas por um lindo príncipe encantado e eles vivem felizes para sempre. Transportada em seu imaginário, para um mundo de sonhos, a criança foge de sua realidade. Desta forma, ela busca uma alternativa, mesmo que ficcional, para resolver seus problemas, que vão desde um abandono, à falta de alimentos, a

questões de violências, entre outros. Nesse sentido, os contos falam de carências, como observa Abramovich (1993):

Como em “Joãozinho e Mariazinha”, contada pelos irmãos Grimm, onde dois irmãos vivem problemas de carência: de comida (pela pobreza) e de afetividade (a mãe tinha morrido). Além disso, a madrasta quer que eles sejam abandonados (separando a família) numa imensa floresta, onde terão que enfrentar sozinhos um mundo desconhecido, para o qual ainda não estão maduros (ABRAMOVICH,1993, p. 133).

Ao discutir sobre os contos na educação infantil no IV Congresso Internacional sobre transtornos e *déficits* de aprendizagem, realizado nos dias 09 e 10 de abril de 2011, em Belo Horizonte, Gutfreind (2011) relata a importância que os contos de fadas exercem na superação de desafios, problemas e traumas sofridos por algumas crianças. Ele aponta melhoras percebidas em crianças francesas com transtornos de conduta após frequentarem seu *ateliê* de contos: “Demonstraram evolução significativa no seu modo de expressão, permitindo-se denunciar o sofrimento decorrente da separação de seus pais” (GUTFREIND, 2011, p.7).

A partir da contação de histórias, mais especificamente, dos contos de fadas, as crianças passam a identificar características dos pais ou delas mesmas, fazendo um paralelo entre as histórias, as fictícias e as reais. Desta forma, conseguem expor sofrimentos vividos e experiências traumáticas.

O ato de contar e recontar histórias pode ajudar na superação de conflitos. Além disso, pode influenciar diretamente na aprendizagem da leitura e da escrita, pois, por meio da narrativa, a criança entra em contato com novos vocabulários, com estratégias de linguagem, sem mencionar que a estrutura narrativa auxilia a criança na elaboração de suas próprias histórias, bem como na organização e compreensão da noção de tempo. A criança começa a ser exposta naturalmente ao mundo ficcional, o que lhe desperta a sensibilidade e criatividade, apreensão temporal e as relações de causalidade entre os eventos narrados.

Isso é claramente percebido ao fazermos um histórico sobre os recontos desde o início do ano: algumas crianças que não se expressavam, já o fazem com grande desenvoltura. Não há neste caso uma receita pronta, alguns poderão se desenvolver mais que outros, e isto é perfeitamente natural.

2.1 Os contos encantam ou desencantam?

Em seu *site* Freitas [*online*]⁴, de tempos em tempos, surgem discussões sobre os contos de fadas, dividindo opiniões a cerca da validade desse gênero de literatura infantil. Algumas pessoas optam pelo realismo (representação da vida, do mundo real); outras preferem a fantasia (o sonho, o imaginário, o desconhecido). Abramovich (1993), por sua vez, afirma que

Explicar para uma criança por que um conto de fada é tão cativante para ela, destrói acima de tudo, o encantamento da história, que depende em grau considerável, de a criança não saber absolutamente por que está maravilhada. E ao lado do confisco deste poder de encantar vai também uma perda do potencial da história em ajudar a criança a lutar por si e dominar exclusivamente por si só o problema que fez a história estimulante para ela (ABRAMOVICH, 1993, p. 122).

Nem a realidade, nem o imaginário podem ser classificados por meio de uma hierarquia binária e simplificadora. Um não é melhor do que o outro. São apenas instâncias diferentes, mas complementares à constituição da criança (sujeito). Ambas dependem no que se refere à positividade para o indivíduo, da forma como são conduzidas.

No caso dos contos de fadas, como afirma Jardim (2001), a boa literatura independe de rótulos: a boa literatura é aquela capaz de encantar e produzir reflexões em leitores de todas as idades.

Do ponto de vista histórico, percebemos o quanto os contos de fadas são valorizados e respeitados, como uma herança literária de valor inestimável. Numa visão mais abrangente, há relatos de casos, em outros países, de que os contos primam por ajudar na superação de problemas enfrentados por crianças em processo de tratamento.

Nessa perspectiva, não há como negar a importância que têm os contos de fadas. Percorrer séculos só é possível quando se tem o poder de encantamento sempre renovado. Podemos dizer também, em concordância com Abramovich (1993), que é porque lidam com conteúdos da sabedoria popular, com conteúdos essenciais da condição humana, que os contos de fadas são importantes, perpetuando-se até hoje.

⁴ Disponível em <<http://analisedecontos.zip.net/elenifreitas/>>. Acesso em: 22 abr. 2011.

As características presentes nos contos de fadas, também são importantes para este encantamento, conforme aponta David, a saber:

- A presença do elemento fada, apesar de alguns contos não terem a presença desse ser fantástico e imaginário. Pode-se dizer que é a presença do mediador entre o herói (ou heroína) e o objetivo a ser alcançado;
- A oposição Bem e Mal. O Bem deverá ser sempre o vencedor.
- Mostrando que a justiça sempre prevalecerá;
- Personagens: os personagens não são ambíguos, ou são bons ou são maus. Ou são bonitos ou são feios;
- Há sempre um desafio a ser enfrentado, os obstáculos;
- A beleza também é presença marcante dos contos de fadas. O herói e/ou a heroína serão sempre belos, mesmo sendo pobres;
- O Maravilhoso também é uma das características dos contos de fadas. A natureza mágica atrai espontaneamente as crianças;
- O final feliz, que corresponde à conquista do objetivo (DAVID, 2007 *online*).

As histórias de contos de fadas perpetuam formas idealizadas que são, muitas vezes, formas moralizantes. Mas elas também desenvolvem o lado imaginário, a fantasia, contribuindo para o desenvolvimento da criatividade da criança, permitindo-lhe criar, isto é, ir além do domínio dado, abrindo-lhe os canais da imaginação.

Não podemos, contudo, optar exclusivamente por livros que tenham essas formas. É necessário diversificar as obras (gêneros textuais ou literários) de educação infantil. Os livros devem atender a todos os gostos e curiosidades, para que a criança perceba as vastas possibilidades do conhecimento e tenha acesso às diferentes interações discursivas e textuais, para ampliação de seus saberes. Inseridas em um repertório textual diversificado, as narrativas dos contos podem contribuir para o desenvolvimento pessoal e intelectual das crianças.

2.2 O tradicional e o novo

Ao estudarmos a literatura, sob perspectiva tradicional, percebemos na trama textual traços de uma sociedade altamente dominadora, com vestígios de preconceitos raciais, econômicos, de gêneros e outros. Resquícios estes de uma realidade histórica/social e cultural herdada há séculos.

Kaercher e Zen (2001) acrescentam que, no decorrer da última década, presenciamos o crescimento das obras que trazem personagens femininos, velhos, negros, pobres, cadeirantes, cegos, surdos, dentre outros, como destaque. Dentre elas podemos destacar na educação infantil, “O cabelo de Lelê” de Valéria Belém,

“As tranças de Bintou” de Sylviane A. Diouf, “A Bonequinha Preta” de Alaíde Lisboa e outras. É o que poderíamos chamar de uma abordagem estratégica da diferença no conjunto das obras.

Posterior ao que dizem as autoras passa a vigorar a lei 10639/03 (Anexo 1), que altera a lei 9394/96, acrescentando-lhe novos artigos, que tratam da obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares. Além de acrescentar no calendário escolar o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”, para que possamos repensar e valorizar nossa cultura.

Sem dúvida houve um movimento na literatura, que deslocou e ainda está deslocando o que foi postulado como verdade absoluta no tocante a essa realidade herdada, sem desprezar o dado da tradição, mas confrontando-o positivamente e abrindo novos horizontes. Coelho (2000, p.19) nos aponta isso claramente fazendo um paralelo entre o tradicional e o novo, conforme o Quadro 1.

Quadro 1

Tradicional	Novo
1. Espírito individualista	1. Espírito solidário
2. Obediência absoluta à Autoridade	2. Questionamento da Autoridade
3. Sistema social fundado na valorização do ter e do parecer, acima do ser	3. Sistema social fundado na valorização do fazer como manifestação autêntica do ser
4. Moral dogmática	4. Moral da responsabilidade ética
5. Sociedade sexófoba	5. Sociedade sexófila
6. Reverência pelo passado	6. Redescoberta e reinvenção do passado
7. Concepção de vida fundada na visão transcendental da condição humana	7. Concepção de vida fundada na visão cósmica/existencial/mutante da condição humana
8. Racionalismo	8. Intuicionismo fenomenológico
9. Racismo	9. Antirracismo
10. A criança: “adulto em miniatura”	10. A criança: ser-em-formação (“mutantes” do novo milênio)

COELHO, 2000 p. 19

Enquanto na Literatura Infantil tradicional percebemos um espírito individualista, ou seja, o indivíduo como sustentáculo de uma sociedade, o novo nos mostra um espírito solidário, o indivíduo como parte de um todo.

Tínhamos uma obediência absoluta à autoridade, representados pelo governo, a igreja, os pais, os patrões, os esposos. Hoje, há um questionamento da autoridade, uma vez que se percebeu que a transformação é contínua e necessária aos homens.

Havia uma valorização do ter em detrimento do ser, uma pequena minoria de afortunados era privilegiada, ainda era bem definido o papel do homem e da mulher, sendo que esta era idealizada. Atualmente, busca-se fazer desaparecer o aspecto econômico, que culmina em desigualdades e injustiças.

A moral era dogmática, de caráter religioso, para o bom o prêmio, para o mal o castigo. Já a literatura atual nos mostra que a moral deve ser da responsabilidade, o indivíduo deve agir de maneira consciente, respeitando o outro.

A sociedade sexófoba, tinha aversão ao sexo, para ela sexo era pecado. Em contra partida na sociedade sexófila há uma naturalização do sexo, e este passa, até, a fazer parte do curso de educação sexual para crianças.

O passado é cultuado como um modelo a ser seguido, agora serve de base para novas formas literárias, como a intertextualidade.

A concepção de vida é como passagem pelo “vale de lágrimas”, o homem deveria resgatar a culpa original, “o pecado de Adão e Eva”. Para a literatura atual a concepção de vida é uma mudança contínua, em que o ser está em constante transformação, não há perfeição.

A Literatura Infantil tradicional é baseada no racionalismo, ora apoiado pela fé, ora pela ciência. Já a atual valoriza a intuição como abertura indispensável ao conhecimento da verdadeira realidade do homem e do mundo.

O racismo está presente na sociedade tradicional e, como consequência, a literatura, apesar de tentar denunciar essa injustiça, deixou clara a separação entre brancos e negros, reflexo de uma situação social concreta. Tentando inverter esta história, a Literatura Infantil aborda o problema do racismo valorizando as diferenças étnicas e culturais, agora é o antirracismo em voga.

A criança é vista com um adulto em miniatura, a infância é encurtada e a educação é rígida e punitiva. A literatura deve levá-la, precocemente, a ter atitudes adultas. O mesmo não ocorre atualmente, pois a criança é vista como um ser em formação, que deve ser orientada e estimulada, mas com liberdade, para desenvolver seu potencial.

A partir deste paralelo, Coelho (2000) afirma que esses dados são básicos para o exercício de uma leitura crítica, avaliadora da literatura nova, que nos levará em direção a uma nova mentalidade a ser conquistada por todos.

As mudanças ocorridas na literatura, também podem ser percebidas na sociedade e vice-versa, uma não está desconectada da outra. Uma vez que os movimentos acontecem, são mutuamente afetadas.

CAPÍTULO

3

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A HISTÓRIA A BELA E A FERA E O FILME SHREK

Era uma vez, uma linda princesa da pele macia, rosada, dos olhos azuis, de corpo esguio, que esperava por seu príncipe encantado. E assim, ele a encontraria e os dois viveriam felizes para sempre. É claro que, antes de tudo isso acontecer, eles passariam por uma série de dificuldades, o que não os impediria de ficarem juntos.

Essa é a história com que quase todas as meninas sonham, mesmo as do século XXI. No entanto, desde a época em que os primeiros contos foram escritos, muitas coisas mudaram. Não há como discutir a importância dos contos e seus benefícios para quem os ouve, mas há que se discutir este modelo europeu idealizado pelos contos.

A história “A Bela e a Fera” foi escrita em uma época que somente a aristocracia tinha acesso à cultura letrada. Talvez, por esse motivo ela tenha tantos traços de submissão. Naquela época, as mulheres viviam em função da casa e dos afazeres domésticos, características estas presentes em Bela. Já os homens eram os provedores.

No enredo do conto, Bela era a boa filha, obediente, respeitosa, amorosa e, apesar de ser maltratada por suas irmãs, não as queria mal. Enquanto vivia na casa do pai, Bela dedicava-se às atividades domésticas, cuidava inclusive das roupas das irmãs. Não há, no decorrer dessa história, uma só passagem que denote infelicidade ou revolta por parte de Bela diante de sua condição de vida. A partir do momento em que vai viver no castelo da Fera, Bela consegue, através de seu amor e bondade, quebrar o encanto, e a Fera se transforma em um lindo príncipe, à moda aristocrática, tal como poderíamos esperar de um conto de fadas tradicional, e os dois viveriam felizes para sempre.

Ao lançar o filme “Shrek”, baseado no livro de William Steig de 1990, criado em computação gráfica, a *Dream Works*, através do trabalho de seus diretores Andrew Adamson e Vicky Jenson, inverte com muita criatividade as histórias infantis até então conhecidas.

“Shrek” narra a história de um ogro que mora em um pântano, solitário, longe de todos. Até que o governante Lord Farquaad resolve expulsar todas as criaturas mágicas e encantadas da cidade, e elas vão parar no pântano, para desespero de Shrek. Ansioso para ter seu sossego de volta, Shrek aceita as condições impostas por Lord Farquaad, aceita a missão que lhe é oferecida e parte em busca da princesa Fiona, que vive adormecida em um castelo protegido por um dragão.

Com a ajuda de seu fiel amigo, o burro falante, eles a encontram e a levam de volta para se casar com seu prometido. O que não estava nos planos é o amor que aparece entre Fiona e Shrek. Por causa desse amor, Shrek acaba salvando Fiona de um casamento indesejado e os dois terminam juntos. Fugindo dos finais esperados de um conto de fadas tradicional, este filme mostra que a beleza idealizada de um príncipe e de uma princesa não são fatores primordiais para um final feliz. Afinal, quando Fiona opta por se transformar em uma ogra definitivamente, ela está valorizando a essência em detrimento da aparência.

Outra característica presente nesse filme é o destaque dos traços da mulher moderna, aquela que vai a luta para conseguir o que quer e não se submete aos caprichos do marido, apesar do amor que sente por ele.

A figura masculina também é atípica, visto haver uma inversão da história: os protagonistas tomam uma forma pouco valorizada, ou até mesmo desprezada pelo público. Shrek, que representa a figura masculina, é um ogro pouco ligado às questões de higiene e etiqueta. Banha-se em um lago de lama, come usando as mãos e até arrota perante todos, sem contar que não segura seus gazes, não importa o lugar. Como observa Bastos (2001)

De forma engraçada, o filme ainda nos dá a possibilidade de pensar em questões interessantes como as relações entre pessoas desiguais; os preconceitos que se levantam com esse tipo de proximidade, a busca da felicidade através da aparência, a atração mútua entre seres de classes sociais diferentes; a importância de valorizar a essência, o mundo interior; a falta de caráter dos príncipes encantados e, principalmente, o romance entre dois anti-heróis (BASTOS, 2001. p.10).

No entanto, a *Dream Works* consegue fazer com que seus personagens sejam queridos pelo público. Isto revela uma nova visão acerca das relações e da quebra de barreiras entre relações de caráter estético, financeiro e também de estereótipos de uma beleza idealizada. O filme foi um sucesso de bilheteria e gerou milhares de fãs em todo o mundo. Sua maior consagração pode-se dizer foi a conquista do Oscar de Melhor Animação. Apesar da opinião avessa de alguns críticos, a famosa animação teve quatro sequências; a última e não menos importante foi “Shrek para sempre”, em 2010.

Através dos elementos presentes, tanto no filme quanto no livro proposto, “A Bela e a Fera”, há uma série de questões que podem ser tratadas, enfocando a valorização do caráter, da amizade, do companheirismo e até mesmo da beleza, afinal de contas o que é belo para alguns, para outros, pode não ser, como vimos na

história da Feiurinha. Trabalhar com as crianças a questão dos valores é um bom começo e as duas obras podem amparar essas discussões.

Fatos comprovam que a preocupação com o embelezamento excessivo pode causar danos irreparáveis, como a bulimia, a anorexia e outros problemas. Essas patologias sociais são tão sérias e preocupantes que merecem nossa atenção e debate, uma oportunidade para isso é explorar o filme “Shrek” para levantar esta questão, uma vez que:

O filme traz-nos um bom motivo para discutir a mania precoce por dietas, plásticas, silicone e outras obsessões pelo embelezamento eterno e a qualquer custo. Cada vez mais cedo, jovens sofrem com distúrbios alimentares, como a anorexia, para se encaixar nos padrões de beleza e inviáveis modelos de felicidade reproduzidos pela mídia (BASTOS, 2001, p.10)

Neste aspecto, o filme “Shrek” vale-se da ficção para tratar de assuntos bem reais. Ele enfoca os relacionamentos entre personagens de diferentes classes, o que nos faz refletir sobre as complexidades que enfrentamos na vida real. Além disso, ele coloca em discussão a questão da beleza padronizada, aquela idealizada principalmente pelas mulheres. Afinal temos que enfatizar e valorizar qualidades que vão além dos padrões físicos preestabelecidos. Bastos (2001) também concorda com este pensamento. Ao falar sobre o filme Shrek, ela enfatiza que:

É um filme inovador, ao inverter a lógica de qualquer desenho animado produzido anteriormente; um Conto de Fadas remodelado, que tem como principal argumento satirizar os contos de fadas, mostrar personagens fictícios como se vivessem em nosso tempo, buscando a felicidade através da aparência, as atrações mútuas entre seres de classes sociais diferentes, o mundo interior; a falta de caráter dos príncipes encantados; e, principalmente, o romance entre dois anti-heróis, tornando-se assim inevitáveis às referências à cultura pop, assim como analogias a cenas famosas de filmes marcantes (BASTOS, 2001, p. 1).

Ainda hoje não é incomum ouvirmos que uma determinada pessoa não serve para ser seu amigo porque é pobre, ou negro, ou porque mora em uma comunidade. Não importa se a pessoa é íntegra, de bom caráter, o que vale é o ela tem. Porém, não é também incomum encontrarmos em noticiários pessoas de poder aquisitivo elevado, envolvidas em crimes e/ou em questões que representam dano cultural ou social.

3.1 Considerações finais

Concluimos, através desta análise, que através da leitura comparada de histórias infantis tradicionais e atuais – “A Bela e a Fera”, “Shrek I” e “O Fantástico mistério de Feiurinha” – abrimos portas para um questionamento importante de nossa realidade, em que a beleza física é tão valorizada, colocando a diversidade étnica como ponto referencial para nossas discussões, assim como propõe o Referencial curricular nacional para a educação infantil (BRASIL, 1998):

Para que seja incorporada pelas crianças, a atitude de aceitação do outro em suas diferenças e particularidades precisa estar presente nos atos e atitudes dos adultos com quem convivem na instituição. Começando pelas diferenças de temperamento, de habilidades e de conhecimentos, até as diferenças de gênero, de etnia e de credo religioso, o respeito a essa diversidade deve permear as relações cotidianas. Uma atenção particular deve ser voltada para as crianças com necessidades especiais que, devido às suas características peculiares, estão mais sujeitas à discriminação. Ao lado dessa atitude geral, podem-se criar situações de aprendizagem em que a questão da diversidade seja tema de conversa ou de trabalho (BRASIL, 1998, p. 41).

A partir de todos os pontos levantados podemos dizer que, tanto a escola quanto a família, têm um papel importante na valorização das diferenças, pois ambas são responsáveis por reforçá-la ou não.

Por isso, propusemos trabalhar com o filme “Shrek”, para mostrar que os valores não estão ligados à beleza, nem a condição social, mas sim aos sentimentos, e estes não distinguem cor, raça ou credo. Tanto se fala da diversidade cultural e respeito às etnias, então cabe a nós educadores trazer este tema à tona e não nos esquivarmos ou camuflarmos em lugares cômodos, fazendo de conta que eles não fazem parte de nosso cotidiano escolar.

As reflexões aqui propostas não têm pretensão de esgotar o assunto, mas sim de propor discussões e apresentar de forma simples, mas consciente, algumas possibilidades de se trabalhar em gêneros textuais com crianças, temas do nosso cotidiano, aproveitando questionamentos que partiram delas.

Partiu-se do pressuposto de que o trabalho com o conto de fadas favorece o processo de aprendizagem, já que contar histórias costuma ser uma prática constante nas instituições de educação infantil. Este é o momento em que a criança pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de interagir com o

grupo social ao qual pertence. O simples ato de contar história pode ser para o desenvolvimento da criança muito mais do que apenas um divertimento. Os contos podem ampliar gradativamente as possibilidades de comunicação e expressão da criança, fazendo com que venha melhorar a sua forma de falar, principalmente na frente de um de um grupo de crianças, ou até mesmo de adultos. Além disso, contar histórias pode despertar na criança o gosto pela leitura, que, conseqüentemente, irá desenvolver a sua capacidade de fantasiar e imaginar, entre outras, fazendo com que ela imagine e conheça lugares, situações, personagens, possibilitando-lhe visitar outro universo, diferente do seu, através da literatura.

O problema apresentado no início de nosso trabalho foi “sanado”, ou pelo menos enfrentado, através dos paralelos utilizados pela professora, que construiu um contraponto entre o ficcional e o real, ao mostrar um pouco da história de crianças de toda parte do mundo e valorizar as características de cada um. Durante a realização dessa atividade, percebeu-se o grande envolvimento de todas as crianças, ao contarem e recontarem histórias e na exposição de seus pensamentos; o domínio da fala favoreceu a interação e exposição de ideias.

Conforme apontado por alguns autores, percebemos, comprovadamente, a importância e os benefícios que os contos de fadas e a contação de histórias pode acarretar na vida de crianças que apresentam problemas, ou não. Portanto, cabe a nós educadores pensarmos criticamente sobre as produções da literatura infantil e a contribuição que ela pode trazer para o processo de desenvolvimento da prática pedagógica dentro das instituições de educação.

O papel da literatura infantil, lida ou contada, é, antes de tudo, contribuir para o desenvolvimento cognitivo, imaginário, fantasioso e escrito. Possibilitando, assim, para a criança o direito de ser criança, sonhadora e questionadora. É necessário possibilitar que a criança relembre a história contando-a novamente aos seus colegas, tal como é feito na escola já citada, pois é com esse resgate da história que estaremos incentivando nossas crianças a se expressarem, se interagirem, extrapolarem seus sentimentos.

Lembrando Colasanti (2004), a literatura nada mais é do que um longo, um interminável discurso sobre a vida, um artifício em que, através de narrativas, os seres humanos elaboram suas paixões, suas angústias, seus medos e se aproximam do grande enigma do ser.

Para o professor, a oportunidade de refletir sobre a literatura infantil na escola contribuirá para abrir caminho à concretização do objeto de educação, da escola e da própria literatura; possibilitará formar leitores críticos que façam acontecer a transformação de nossa sociedade. Apesar de parecer utópico, esse discurso deve fazer parte de nossas práticas. Sendo assim, a prática pedagógica escolar necessita incluir a literatura como fundamento de suas ações, pois esta possibilita que se faça cumprir o ideário de educação tão comentado na atualidade: a transformação.

A escola necessita de instrumento que faça cumprir este ideal. Para tal, pode contar com a principal função da literatura infantil: refletir sobre a realidade, demonstrando-a e remontando-a na busca de formação de opiniões críticas que questionem a situação real em que se vive ler é mais do que dominar códigos.

Como forma de estimular, usando as palavras de Abramavochi (1993), “o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra)”, propusemos a criação de um projeto intitulado “Meus primeiros contos”, que consiste na seleção de livros de contos, durante a semana para leitura em casa, por alguém da família, após esta leitura a criança apresenta seu livro e o reconta para os colegas, à sua maneira, depois é feito o registro, através de desenhos, colagens, pinturas.

O ato de contar e recontar histórias foi usado desde o início do ano. Os alunos gostavam muito de ouvir histórias. Levados pela leitura, eles “viajavam” imaginariamente junto com os personagens para os lugares mais distantes. No entanto, no momento do reconto, alguns alunos não conseguiam se expressar; ficavam envergonhados, tímidos diante da turma, mas com o passar dos meses, todos, sem exceção, já dão conta de recontar as histórias lidas ou contadas para eles, inclusive com acréscimo de detalhes, por vezes, não presentes nos textos.

Agindo assim, é possível fornecer à criança subsídios para enriquecer o seu vocabulário, além de colocá-la em contato com questões socioculturais, permitindo-lhe que as repense e expresse suas ideias com liberdade. Desta forma é possível conquistar sua confiança, e ela se sentirá mais segura para falar de seus próprios problemas e sentimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. *Educar*. Disponível em: <<http://mais.uol.com.br/view/3ri27wiyhzjw/pedagogia-do-olhar--rubem-alves0402CC99336AE0891326?types=A&>>. Acesso em: 20 maio 2011.

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

AZEVEDO, Érica Nascimento, A importância dos contos de fadas na alfabetização. 2009. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/educacao-infantil-artigos/a-importancia-dos-contos-de-fadas-na-alfabetizacao-762528.html>>. Acesso em: 22 abr. 2011.

BANDEIRA, Pedro. *O fantástico mistério de Feurinha*. 3. ed. São Paulo. Moderna, 2009.

BASTOS, Renata Degani de Souza. *Shrek – o Filme, análise fundamentada na estética da recepção*. 2001. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/media/wiki/images/0/06/GT6-_REGIOCOM-_05-_Shrek_o_filme-_Renata.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2011

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. *Referencial curricular nacional para educação infantil*. Brasília, DF: MEC, 1998.

CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar*. 2. ed. São Paulo. Contexto, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil. Teoria – Análise – Didática*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COLASANTI, Marina. *Fragata para Terras Distantes*. Rio de Janeiro. Record, 2004, p. 188.

DAVID, Flávia Rocha. *Os Contos De Fadas: Da Tradição A Contemporaneidade*. 2007. Disponível em: <<http://www.webartigos.com>>. Acesso em: 17 abr. 2011.

FACINCANI, Eliane Fernandes, GARCIA, Sílvia Craveiro Gusmão. *Literatura Infantil e escola: Algumas considerações*. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem08pdf/sm08ss02_06.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2011.

FAZZI, Rita de Cássia. *O Drama Racial de Crianças Brasileiras: Socialização entre Pares e Preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GUTFREIND, Celso. A função psicopedagógica dos contos infantis – um relato de fadas, como todos os outros. In: *Transtornos e dificuldades de aprendizagem: Como lidar em sala de aula?* Belo Horizonte, Conexa, 2011.

JARDIM, Mara Ferreira. Critérios para análise e seleção de textos de literatura infantil. In: *Literatura e Alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: Artimed, 2001. p. 75-79.

KAERCHER, Gladis Elise Pereira da Silva, ZEN, Maria Isabel Dalla. *Leituras de crianças sobre a diferença étnico-racial*. 2001. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT13-6091--Res.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2011.

KINDERSLEY Anabel; KINDERSLEY BARNABAS, *Crianças como você: uma emocionante celebração da infância no mundo*. Tradução de Mário Vilela Filho. 8. ed. São Paulo, Ática, 2009.

MACHADO, Maria Lúcia de A., Educação infantil e Sócio-interacionismo: In: *Educação infantil: muitos olhares*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 25 - 50

MENEZES, Waléria, O Preconceito racial e suas repercussões na instituição escolar 2002. Disponível em: <<http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/o-Preconceito-Racial-e-Suas-Repercuss%C3%B5es/51753.html>> Acesso em: 09 set. 2011.

OLIVEIRA, Cristiane Mandanêlo de. *A importância do maravilhoso na Literatura Infantil* [online] Disponível em: <<http://www.graudez.com.br/litinf/marav.htm>> Capturado em 27 fev. 2009. Acesso em 17 abr. 2011.

PINTO, Mércia de Vasconcelos. *Identidade cultural*. 2004. Disponível em: <http://www.arq.ufsc.br/urbanismo5/artigos/artigos_pm.pdf>. Acesso em: 15/11/2011

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1985.

ANEXO 1 - LEI N° 10.639**Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos
LEI N° 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.**

Mensagem de veto

Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"**Art. 26-A.** Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira.

§ 3º (VETADO)"

"**Art. 79-A.** (VETADO)"

"**Art. 79-B.** O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182º da Independência e 115º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque